

XIV Congresso Brasileiro de Sociologia

28 a 31 de julho de 2009, Rio de Janeiro (RJ)

GT 12: O Fenômeno Religioso

Título do trabalho: Romarias – devoção e diversão

Autora/ Instituição: Maria Paula Jacinto Cordeiro / Universidade Federal do Ceará

ROMARIAS: DEVOÇÃO E DIVERSÃO

Maria Paula Jacinto Cordeiro¹

Considerações iniciais

Lugar de expressão de uma crença coletiva, ritualizada através dos eventos religiosos e inscrita na tradição católica, a romaria, percebida como formação social, pode ser considerada um lócus privilegiado onde são representados sentidos que suscitam interpretações acerca de questões pertinentes às relações e práticas sociais dos indivíduos e grupos.

O presente texto trata de algumas considerações de caráter bastante específico, cuja intenção principal é colocar em perspectiva uma abordagem que enfatiza relações entre teorias construídas a partir de estudos da religião e do turismo e motivações dos fluxos de deslocamentos contemporâneos. Trata-se de esforço de reflexão sobre as construções a respeito dos romeiros e das romarias no universo cotidiano religioso de Juazeiro do Norte, no Ceará. O trabalho de campo foi realizado entre 2004 e 2006, através de entrevistas e observação.

Busco, a partir da realidade produzida no recorte das nuances da romaria que a caracterizam como festa e culto, compreender a produção de novos significados para os eventos e agentes que a ela se relacionam, principalmente ao se considerar a sua classificação como evento do turismo religioso e suas implicações. Nesse encontro de circunstâncias, a noção de romaria é colocada em jogo na disputa simbólica das designações. Essa abordagem no campo dos deslocamentos, como romarias ou como deambulações turísticas, coloca em xeque a interação entre os agentes envolvidos, indivíduos e grupos, responsáveis pelas demais relações tanto estruturais como simbólicas que compõem o universo das romarias na contemporaneidade.

A variedade de interações religiosas e culturais que comumente acontece no tempo de romarias aponta como eixo significativo de análise a compreensão da configuração do fenômeno (ELIAS, 1999), a partir de interações interpessoais, da relação entre lugares e eventos em diálogo com tradições atualizadas nos atos rituais e formas de sociabilidade construídas nas vivências ali proporcionadas (EADE; SALLNOW, 1991).

¹ Professora Adjunta do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Regional do Cariri, no Ceará e doutoranda em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará.

Antecedentes

Ao longo do tempo e marcadamente depois da Segunda Guerra Mundial, o volume no fluxo de deslocamento de pessoas entre lugares aumentou e as motivações se diversificaram. Os desenvolvimentos industrial, científico e tecnológico promoveram acesso a meios de transporte para um número cada vez maior de pessoas; a globalização encurtou distâncias e o contexto sócio-econômico mundial no final do século XX estabeleceu a necessidade de vivenciar períodos de lazer e descanso longe da rotina “massificante” do trabalho.

Esse contexto histórico determinado por transformações estruturais rápidas e profundas marcou também o sentido das peregrinações modernas e contemporâneas. O rompimento das relações tradicionais no campo e na cidade e o acirramento dos conflitos de classe desencadeados pela Revolução Industrial associados às novas concepções de realidade, ao cientificismo e às tendências evolucionistas, desenharam um quadro de “fim dos tempos”, principalmente se essas mudanças forem observadas na perspectiva da sociedade e da religião. As romarias tornaram-se manifestações freqüentes do catolicismo pautadas pelas aparições, mensagens e milagres de caráter milenarista e messiânico que estimularam as peregrinações a partir do século XIX (TURNER; TURNER, 1978).

De acordo com Steil (2003) é possível distinguir peregrinações de romarias através da relação particular que os agentes desenvolvem com a realidade a que se referem essas categorias através de práticas que são utilizadas para denominarem a ação. Nesse sentido, as peregrinações estariam associadas à idéia de um caminho percorrido pautado pela alteridade: em busca de um “outro”, físico ou espiritual se vivencia uma transformação interior². Por assim ser, é uma jornada de santificação, que também aponta para uma busca mística de si. Já as romarias, seriam caracterizadas por percursos mais curtos, envolvendo festas e devoção, além de ampla participação comunitária. Contudo, por oferecerem ampla variedade de atividades não se apresentam como fenômeno distinto em si mesmo, devendo-se considera-las como eventos que acomodam sentidos e práticas diversas de acordo com seu contexto social, cultural e político.

Segundo Sanchis (2006) as romarias são representações típicas de encontro e “fricção” entre a religião do povo e a do clero. Caracterizam-se por manter larga margem de autonomia e liberdade de expressão enquanto percurso ao sagrado em relação às práticas

² Cf. NOLAN, Mary Lee; NOLAN, Sidney. **Christian pilgrimage in modern western Europe**. Chapel Hill/ London: The University of North Carolina Press, 1989. Citado pelo autor.

religiosas oficiais, frequentemente associando festa e culto ao evento. Para este autor, a romaria refere-se a uma procura do sagrado numa relação ativa com o espaço, num lugar distante, meta-cotidiano, cuja dimensão e sentido leva a deslocar-se e, no encontro com o outro, transformar-se a si mesmo, além de fortalecer-se para retornar à vida comum.

Os traços acima referidos serão considerados por Sanchis (2006) como pertencentes à “estrutura romeira” que por sua vez articula-se com outras estruturas para existir em sua manifestação social. Ao articular-se com a estrutura econômica, a componente turística aparece nas romarias, pressionando e modificando os elementos que a constituem.

Embora ao longo dos anos, a vivência do tempo das romarias tenha sofrido influência de instituições não religiosas que atribuem às deambulações romeiras um nicho de mercado turístico e tenha havido nos últimos vinte anos esforços da municipalidade do Estado para estabelecer Juazeiro do Norte como pólo do turismo religioso, não encontrei durante o tempo que permaneci em campo, qualquer elemento que apontasse para uma mudança na classificação do grupo admitida por eles próprios. Ou seja, o romeiro não se entende como turista, não deixa de ser romeiro para ser turista.

É possível perceber porque há essa expectativa de apropriação do fenômeno das romarias por parte do sistema econômico. Em primeiro lugar há caracterização da romaria como fato social total. Essa miscelânea de devoção, diversão, consumo e lazer, associada ao seu poder de atratividade regional, geram demandas dos romeiros. Seus gastos em hospedagem, alimentação, bens de consumo e serviços em geral movimentam e modificam o cenário econômico do lugar visitado. Numa época em que o turismo é visto como atividade promotora de desenvolvimento e gerador de um grande número de empregos diretos e indiretos, as romarias, por apresentar demandas semelhantes ao turismo, são bem vindas e os deslocamentos de pessoas são desejáveis nas comunidades de destino que, do ponto de vista empresarial e governamental procuram beneficiar-se desses eventos. Ao tentarem promover sua reclassificação, as instituições públicas e privadas estão, enfim, tentando tomar para si a gestão do evento e conseqüentemente seus benefícios econômicos.

Noutro aspecto, esses eventos apresentam outros níveis de aproximação em termos de similaridade. Religião e turismo carregam em si um sentido de busca. À medida que se constituem ritos de passagem do comum para o ideal, do cotidiano para o excepcional, e, embora se revistam de um caráter pessoal, refletem processos sociais mais abrangentes ao

determinarem condutas e práticas sociais referentes ao que Berger (1986) chama de “sociedade no homem”, ou seja, a papéis e identificações reconstruídas eternamente. Essas articulações são então permeadas por tensões, apropriações e disputas simbólicas na medida em que as demais dimensões do mundo social passam a intersectarem-se com as romarias, como a política, as instituições religiosas, as empresas que ofertam bens e serviços a esse público, o meio ambiente em que se situa o destino da romaria etc.

Desde a década de 1970, as perspectivas de estudo, investigação e intervenção foram dominadas pelo olhar econômico na discussão sobre fluxos turísticos e assim se estenderam durante os trinta anos finais do século XX. Nesse período houve um esforço de conhecer o fenômeno e suas repercussões, os olhares relacionavam aspectos como globalização das economias mundiais, infra-estruturas locais, imaginário e demandas dos consumidores, competitividade dos produtos turísticos, sustentabilidade da atividade, desenvolvimento e gestão (AVIGHI, 2000; RODRIGUES, 1999; BENI, 1998, 1999; YAZIGI, 2000 entre outros). Nesse ínterim além dos impactos ambientais, os impactos sócio-culturais começaram a resvalar, como por exemplo, especulação imobiliária e sua repercussão na coesão social; imigração desordenada, com desequilíbrio da distribuição espacial da população; elevação dos índices de prostituição, inclusive infantil; descaracterização de manifestações culturais e deterioração de bens culturais (LAGE, 2000). Nas Ciências Sociais, tem sido debatidos aspectos do turismo que o caracterizam como simulação de culturas e imagens locais na perspectiva de atender demandas de consumo de visitantes (MACCANNELL, 1999 [1970]; MOESCH, 2000; ARAÚJO, 2001 entre outros); como espaço do excepcional e fuga do cotidiano e em estreita relação com a discussão sobre religião há os trabalhos de Abumanssur (2003), Steil (2003, 2002, 1996) e mais recentemente Sanchis (2006) que tem observado as relações entre turismo e romaria em Portugal.

Juazeiro é um mundo

Como maior centro de devoção popular não canônica da América Latina e um fluxo de visitação anual de cerca de um milhão e seiscentos mil devotos do Padre Cicero, Juazeiro evoluiu da vila com dois mil habitantes em 1889 à cidade de expressão regional e maior do interior do Estado com cerca de 250 mil habitantes, 120 anos depois. O município exemplifica e espelha a complexidade de grandes centros de peregrinações no Brasil

referente às interações, à sazonalidade da ocorrência de visitação e ao impacto provocado por um fluxo de pessoas superior às condições estruturais de recepção na cidade. São cinco romarias por ano, com duração média de quatro dias cada, a maior delas entre 29 de outubro e dois de novembro (Finados) chega a receber cerca de quinhentas mil pessoas. Fora dos períodos de romarias há um fluxo baixo, mas permanente de visitas e festividades relacionadas ao calendário católico oficial como as natalinas e de reis que também atraem visitantes em escala regional.

A localidade constituiu-se município o início século XX, a partir da migração de famílias de romeiros que decidiram ali fixar residência, atraídos pela perspectiva do sagrado - expresso pela proximidade ao Padre Cícero. Ao longo do tempo a migração sofreu mudanças mais recentemente, considerando-se as motivações para fixar residência em Juazeiro, relacionadas ao seu status de metrópole regional. A cidade oferece melhores oportunidades de emprego e formação técnica e universitária em relação a outras cidades da região, além de maior oferta de bens e serviços que atrai uma população flutuante de consumidores em torno de dez mil pessoas/dia oriundos de outras pequenas cidades do interior dos estados de Pernambuco, Paraíba, Piauí e do próprio Ceará.

O percurso das apropriações turísticas em Juazeiro do Norte

É marcante observar que em Juazeiro do Norte, houve ao longo do tempo uma construção por parte dos poder público e da Igreja de cenários artificiais capazes de acender o imaginário do romeiro a respeito dos eventos ocorridos que deram origem ao fluxo de visitas. A estátua do Padre Cícero, com 27 metros de altura, no alto da colina do Horto e o Museu Vivo onde se reproduzem cenas do cotidiano do Padre com imagens de resina em tamanho natural provocam encantamento aos visitantes. Os romeiros são compreendidos nessa abordagem como consumidores de uma experiência que suscita expectativas de produção de significados estéticos, psicológicos e espirituais.

A perspectiva da viagem como objeto de consumo, também está presente nas múltiplas dimensões da romaria em Juazeiro do Norte. A cidade tem o centro comercial e principalmente o entorno das igrejas, praças e monumentos, transformados numa imensa feira. Ali, é possível abastecer-se de artigos religiosos, jóias, alumínio e confecções. Os artigos religiosos mais procurados no município são estátuas de santos

em gesso, terços e medalhas e as lembranças mais apreciadas são as fitinhas e objetos diversos que contenham a imagem do Padre Cícero, das Igrejas ou da própria cidade. O lugar de abastecimento, entretanto, é também para muitos “filial do paraíso”, “oásis do sertão”, “refúgio dos pecadores”, “terra da Mãe de Deus”, “o que sobrou do céu” e “lugar de redenção”.

Para Steil (2003) o eixo comum que aproxima as romarias do turismo estaria em sua vivência: ambos se constituem situações de excepcionalidade na vida cotidiana sendo regidos pelo mesmo mecanismo social que determina o sagrado e o profano. Analogamente, Moesch (2000) afirma que muitas vezes viajar é o sair do cotidiano, não importando para onde. Para Krippendorf (2001), viaja-se para voltar, para perceber que o cotidiano não é tão ruim. Nessa perspectiva, o deslocamento denominado turístico teria a mesma função social da religião: seria um refúgio dos males do cotidiano. Até que ponto, a romaria contemporânea não teria também esse sentido, considerando a incorporação de outras atuações do romeiro no local de romaria, muitas vezes desvinculadas da perspectiva sagrada?

De fato, durante a romaria é possível um triplo refugiar-se do dia-a-dia: fisicamente, emocionalmente e espiritualmente. Ali, romeiros participam da força do grupo e vivem um sentimento que não é comum na vida cotidiana. Funciona como uma pausa para reorganização e expurgação dos males cotidianos: “[...] A romaria é pra se organizar, é. Para diminuir os pecados, acho que a gente vindo aqui é três dias de céu. A gente fica no céu três dias, depois volta pro trabalho, vai e começa tudo de novo” (ANTONIO³, 50, motorista, entrevista concedida em 12 de setembro de 2006).

Muitos residem em pequenos povoados e vilas que chegam a passar mais de um ano sem assistir uma celebração em suas pequenas capelas. Faltam padres. Pouco se divertem. Consomem o mínimo e geralmente não se distanciam de suas localidades até que... Acontece a romaria.

Noutro aspecto, de acordo com Berger (1985), os atos religiosos servem para relembrar os significados tradicionais encarnados na cultura e suas instituições mais importantes. “A religião serve, assim, para manter a realidade daquele mundo socialmente construído no qual os homens existem nas suas vidas cotidianas” (1985, p. 55). Nesse caso, a experiência religiosa permite ao indivíduo estabelecer um lugar no

³ Optei por utilizar os nomes reais dos entrevistados por considerar que a dimensão populacional das romarias os protege pela condição de anonimato promovida pela diluição na multidão.

seu mundo, e, por conseguinte, uma compreensão para situações e acontecimentos que ameaçam a explicação e o sentido pragmático de sua existência.

[...] Sempre fui católico, graças a Deus, mas quando eu estou aqui não, é... o espírito se une mais ainda à carne, e eu vivencio isso mais ainda em oração. Lá eu levo muito tempo em trabalhar, em família, amigos e aqui não, a gente se volta só para o espírito. [...] Aqui eu sinto o sentido de toda vida. Alegria de viver é vir a Juazeiro do Norte (JACKSON, 31, técnico em manutenção de computador/pastoralista, entrevista concedida em 31 de outubro de 2006).

Nuances da experiência romeira

A peregrinação como modelo de comunidade emocional e religiosa (*communitas*) tal como apresentou Turner (1978) em se tratando das peregrinações cristãs, deve ser considerado tendo como ponto de partida as diferentes condições históricas dos lugares de peregrinação. A construção do modelo de *communitas* apresentado por Turner, tem importante papel como tipo ideal em estudos sobre romarias por dimensionar níveis de interação tendo em conta as diversas nuances da convivência social que permeiam a tessitura da experiência romeira, comportando uma miscelânea de experiências de alteridade no contexto contemporâneo e compondo um ideal de comunhão fusional (STEIL, 2003).

Na perspectiva desta comunhão fusional, o “eu social” de origem passa por um processo de ocultação durante a romaria. Misturados no caldeirão de experiências, os romeiros em Juazeiro do Norte dormem e comem juntos nos grandes galpões dos ranchos⁴, suas redes desenhando intrincadas tramas de proximidade. Aparentemente todos são iguais. Não há ninguém melhor que ninguém. Em torno dos ranchos, há ainda casas de família que hospedam romeiros. Parece uma repetição do rancho em menor escala: Quarenta pessoas numa casa⁵. Geralmente um único banheiro, dois quartos que são alugados por grupos que desejam mais privacidade e segurança, mas prevalece o aspecto de comunidade.

Na visitação à cidade, a performance romeira, andando em grandes grupos, baralhando os fluxos cotidianos dos moradores, seguindo o itinerário das igrejas, monumentos, e lugares “sacralizados” como a casa do Padre Cícero, usando chapéus de palha e rosários de contas, além de indicar uma subversão e apropriação dos espaços urbanos, anuncia uma segregação voluntária. Aquela é a “Terra prometida”, como

⁴ Existem cerca de quinhentos ranchos segundo estimativa da Prefeitura Municipal em 2008.

⁵ Os grandes ranchos da cidade chegam a hospedar mais de trezentas pessoas.

membros do povo de Deus, também lhes pertence. Grande número de romeiros desenvolve ainda uma relação com a cidade do Padre Cícero, não necessariamente com seus moradores. E a cidade do Padre Cícero é um Juazeiro atemporal que é sempre o mesmo (ou deveria ser) a cada romaria, o que remete à noção de lugar e tempo sagrado em Eliade (1992), é um Juazeiro fixo num tempo primordial, circular, reversível e recuperável.

A questão é que essa descrição não comporta os matizes e tensões da experiência romeira em se tratando de níveis de interação com não romeiros e demais agentes relacionados às romarias. Mesmo nos ranchos há também distinções, privilégios, gente que não quer ficar junto dos outros, que aluga um quatinho e restringe os níveis de sociabilidade com os demais membros do grupo, há portas trancadas e antipatias. Enquanto modelo universal a noção de *communitas* compreende um aspecto que abrange em larga espessura as condições de sociabilidade nas romarias, mas não dá conta dos desdobramentos das apropriações dos demais agentes que por sua ação e atuação também constroem os significados das romarias.

Outras experiências se descortinam quando se abrem as perspectivas das outras relações que ocorrem durante as romarias, como a relação do indivíduo consigo mesmo. Para parte do público romeiro com quem tive contato através de entrevistas e acompanhamentos em suas trajetórias de visitação à Juazeiro do Norte, todo o percurso, desde a saída de casa compõe um eclético roteiro de visitação que matiza os níveis de sociabilidade a aponta também para situações de interiorização, numa espécie de solidão em companhia. Esse estado reflete os momentos de apartamento do mundo ao redor, não das outras pessoas necessariamente, numa atitude de distanciamento com o objetivo de distinguir-se como aponta Steil (2003) em se tratando da atitude turística, mas de distanciamento no sentido de penetrar em uma outra dimensão oferecida na perspectiva do lugar sagrado, num caminho que é pessoal.

[...]A gente se sente assim como se estivesse no paraíso e quando a gente sobe o caminho do Horto aí pronto, aí é que pesa mesmo dentro do coração. E quando a gente sai, a gente sai alegre por uma parte, né? Que a gente chegou aonde a gente queria e no mesmo instante a gente volta triste porque a gente deixamos toda beleza que não poderemos levar para os outros... (SEBASTIANA, 62, aposentada, entrevista concedida em 14 de setembro de 2006).

A fala de Sebastiana situa um pouco a dimensão do sentimento e seu efeito na sua motivação para as romarias. Com sutilezas e pequenas mudanças no discurso essa elaboração é recorrente. Além do aspecto comunal, do diluir-se no universo romeiro

despindo-se de identidades e papéis que desenham o lugar de cada um na cena social, provavelmente essa atitude dá abertura para um olhar-se sem a pressão das demandas e adquire consistência em outra relação que se estabelece na romaria: a relação com a cidade de Juazeiro, como dotada da condição de tempo fora do tempo para se alcançar esse acesso a si mesmo e daí ao transcendente.

Você vê que no dia a dia a gente tem até vontade[de ter um tempo para si], mas não tem tempo... No corre e corre do trabalho, já chega em casa na hora do almoço, na hora da janta, não tem tempo. E na romaria a gente tem tempo para tudo isso: para rezar mais, para partilhar, para estar uns com os outros, se divertir mais... (JOÃO FILHO, 38, vendedor, entrevista concedida em 28 de outubro de 2006)

Segundo Pelegrini (1993) a busca de lazer em locais fora do domicílio habitual, a busca de repouso e de reposição de energias empregadas no labor diário e a eliminação de tensões desgastantes provenientes de condições de trabalho constituem fatores que levam a se visualizar uma perspectiva futura de crescimento das atividades de viagem, tanto a passeio, como relacionadas a outros motivos: negócios, para estudo, com finalidades religiosas, tratamentos de saúde etc.

Tensões e disputas simbólicas de classificação

A essa altura nos deparamos com questões de fronteiras, as categorias de romeiro e turista não são excludentes nem suficientes para dar conta deste universo. A tentativa de classificar distintivamente o sentido, ou as motivações da romaria a partir do tipo de experiência que o romeiro procura vivenciar não se sustenta. Visitantes atraídos pelo ícone religioso ou por aspectos lúdicos da viagem em muitos aspectos representam possibilidades de convergência de práticas na medida em que as fronteiras que definem as regras sobre a experiência religiosa ali proporcionada parecem borradas. A trajetória em si, desde a saída de casa até Juazeiro delineia um eclético roteiro de visitação, como uma espécie de remissão daquilo que lhes falta. O indivíduo de origem rural no mundo urbanizado, corre um risco contínuo de viver à margem de tudo que é modernidade nas imensas prateleiras de possibilidades que se tornou o mundo civilizado. Longe do seu mundo cotidiano, possivelmente, tenta buscar o que lhe falta.

Por ordem de importância, os romeiros realizam o itinerário religioso (Colina do Horto, igrejas, cemitério); a seguir o itinerário “turístico” relacionado à visitação de praças,

museus e ao reconhecimento espacial da cidade; fazem compras; e buscam lazer e diversão. Ao fim do dia, o cenário é de festa. Para muitos é o fim da jornada comercial e o início da diversão. Grupos de romeiros se reúnem nas praças e calçadas dos bairros residenciais mais centrais. Conversam muito sobre compras, roteiros a percorrer, temas em voga na atualização do lugar e sobre o contexto social mais amplo que envolve os assuntos que correm no noticiário televisivo. Depois da última missa do dia, os grupos reunidos aumentam em número e diversidade. Moradores improvisam bares de calçada, e ali os mais jovens namoram ao som de bandas de forró estilizados e freqüentemente se embriagam. Risadas fartas, chinelos fazendo barulho de arrastado e música alta são ouvidos até o avançar das horas. As noites divertidas e alegres de uns, são ruidosas e tumultuadas para outros que querem repousar, e se tornam mais longa que de costume para todos.

Steil (2003) defende a presença de um discurso metassocial operando nas romarias que contempla a lógica de *communitas*, expressa no ideal de comunhão fraterna e a lógica turística, expressa na sociabilidade distanciada, na busca de uma satisfação pessoal, em relação a momentos de lazer, com expectativas de ordem, organização, conforto, e higiene. Trata-se da romaria como espetáculo, onde se vai assistir a devoção do outro assumindo uma posição de expectador distinto dos acontecimentos. Em Juazeiro do Norte, há mudanças na caracterização do personagem romeiro. Ser romeiro não é uma norma que se impõe à personalidade eliminando-lhe as características individuais, ademais, os sujeitos que se auto identificam como romeiros, não são criaturas extraídas da realidade, em suas localidades de origem assistem TV, os mais jovens possuem melhores índices de escolaridade que seus pais e avós, usam computador e internet em lugares públicos que oferecem esse serviços mediante pagamentos horários e vivem seus cotidianos, mesmo os de origem rural, em maior contato com as dinâmicas do mundo urbano. São, portanto, sujeitos que também demandam as comodidades e atrações do mundo moderno.

Isso não é suficiente, entretanto para atribuir-lhes uma classificação turística, como uma fórmula de adequação que resolve a questão em função das atitudes e demandas do romeiro ao chegar a Juazeiro do Norte. Nas romarias devoção e diversão sempre andaram juntas, o que mudou foi o aumento da demanda na dimensão diversão (leia-se lazer e consumo) no mundo atual. Isso oferece a aparência de que há um processo de mundanidade da romaria ocorrendo, um enfraquecimento da expectativa religiosa, ou uma turistificação do evento. Para Sanchis (2006, p. 95) “a dimensão ‘econômica’, organizada e prazerosa, do turismo por si só não anula ou perverte a estrutura romeira”,

muito menos a substituí. Enquanto as demandas são atualizadas e contam também com a leitura de outros agentes como os próprios moradores e instituições a quem interessa tratar o evento dessa forma, percebo que o esclarecimento das condições que tornam possível e perpetuam a existência das romarias é possível a partir da compreensão de sua figuração. Essa perspectiva se ampara na noção de que os indivíduos estão ligados uns aos outros por um modo específico de dependências recíprocas e cuja reprodução supõe um equilíbrio móvel das tensões⁶.

Nesse sentido, torna-se apropriada noção trazida por Bourdieu (1983) ao considerar que estrutura tanto se reproduz como muda através de estratégias de conservação e subversão. Imersos num campo de lutas simbólicas, os sujeitos constroem por meio de uma concorrência de interesses, adequações entre as ações do sujeito e a realidade da sociedade. Assim, é na compreensão de que essa luta é local, histórica, temporal e fruto das relações humanas de conflito que se considera a busca dos sinais, gestos e códigos públicos que darão os elementos para identificar a base social das estruturas de significação e sua importância para o conjunto de agentes envolvidos nos fluxos de visitação e na recepção local (GEERTZ, 1989).

A noção de romaria, como uma manifestação do turismo religioso, é muitas vezes analisada por órgãos governamentais a partir de estudos de vocação e potencialidades dos municípios. Esse tipo de classificação tem o objetivo, no âmbito dos órgãos executivos municipais, de fornecer a logística necessária para a aplicação de investimentos em infra-estrutura básica e de apoio e fomentar a iniciativa privada. Considero que as instituições são responsáveis pelos sistemas duráveis, mas sobre elas recaem as ações dos indivíduos que podem modificá-la, interdependências conflitantes e tensões em equilíbrio que caracterizam de maneira própria cada formação social.

Considerada como uma formação social efêmera, o “tempo das romarias” funciona como uma partida do jogo em que se delinea uma luta de posições entre os agentes participantes. Muitas vezes parece haver dois jogos paralelos ocorrendo simultaneamente, um que se desenvolve na lógica da vivência religiosa, outro na lógica da religião que se consome, ambos implicando em figurações específicas para os seus participantes, ao mesmo tempo em que, corroborando com Geertz (2001, p. 153), “não há uma luminosa linha divisória entre as preocupações com o eterno e as do cotidiano, aliás, praticamente não vemos linha divisória alguma”. As relações existentes entre sujeitos

⁶ Cf. Chartier, 2001.

sociais durante os eventos apontam dependências recíprocas ligando os indivíduos e estabelecendo códigos e comportamentos determinados.

Romeiros e demais participantes do universo das romarias localizam-se no universo cotidiano e religioso de Juazeiro do Norte ora em contextos de aproximação, partilhando de mesma cosmogonia, ora em contextos de antagonismo, disputando apropriação de lugares e modelação de espaços, mobilizando capitais relacionados ao número de retornos, ao domínio de práticas e representações mais amplas. Porém é possível identificar em alguns discursos que a autolocalização passa por uma compreensão do próprio lugar em relação a um outro.

Isso aparece como uma demonstração de que as interdependências se distribuem em séries de antagonismos, instáveis, móveis, equilibrados, que são a própria condição de sua possível reprodução (CHARTIER, 2001). No centro das figurações móveis, ou seja, no centro do processo de figuração, se estabelece um equilíbrio flutuante das tensões, um movimento pendular de equilíbrio das forças, que oscila para um lado e para outro, tornando a romaria em movimento complementar visitação / recepção.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABUMANSUR, Edin Sued. Religião e turismo: notas sobre deambulações religiosas. In: _____. **Turismo religioso: ensaios antropológicos sobre religião e turismo**. Campinas (SP): Papyrus, 2003. P. 53-68.
- ARAÚJO, Silvana Miceli de. Artificio e autenticidade: o turismo como experiência antropológica. In: BANDUCCI JR. Álvaro; BARRETTO, Margarita. **Turismo e identidade local: uma experiência antropológica**. Campinas (SP): Papyrus, 2001.
- AVIGHI, Carlos Marcos. Turismo, globalização e cultura. In: LAGE, Beatriz H. Gelas; MILONE, Paulo César (Orgs.). **Turismo teoria e prática**. São Paulo: Atlas, 2000.
- BENI, Mário Carlos. **Análise estrutural do turismo**. 2ª ed. São Paulo: SENAC, 1998.
- _____. Política e estratégia de desenvolvimento regional. Planejamento integrado do turismo. In: RODRIGUES, Adyr Balastrieri (Org.). **Turismo e desenvolvimento local**. 2ª ed. São Paulo: Hucitec, 1999.
- BERGER, Peter. **Perspectivas sociológicas: uma visão humanística**. 7ª ed. Petrópolis – RJ: Vozes, 1986.
- BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.
- CHARTIER, Roger. Prefácio. In: ELIAS, Nobert. **A sociedade de corte: investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

EADE, John; SALLNOW, Michael (Orgs.). **Contested the sacred: the Anthropology of Christian pilgrimage**. Nova York: Routledge, 1991.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano: a essência das religiões**. São Paulo: Martins Fontes, 1992. (Tópicos).

ELIAS, Norbert. **Introdução à Sociologia**. Lisboa: Edições 70, 1999.

GEERTZ, Clifford. **Nova luz sobre a antropologia**. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

_____. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

KRIPPENDORF, Jost. **Sociologia do turismo: para uma nova compreensão do lazer e das viagens**. 2ª ed. São Paulo: Aleph, 2001.

LAGE, Beatriz H. Gelas; MILONE, Paulo César. **Economia do turismo**. 5ª Ed. Campinas: Papyrus, 2000.

_____. Impactos socioeconômicos globais do turismo. In: _____. **Turismo teoria e prática**. São Paulo: Atlas, 2000.

MACCANNELL, Dean. **The tourist: a new theory of the leisure class**. 2. ed. Berkeley: University of Califórnia Press, 1999.

MOESCH, Marutschaka. **A produção do saber turístico**. São Paulo: Contexto, 2000.

PELLEGRINI, Américo Filho. **Ecologia, cultura e turismo**. Campinas: Papyrus, 1993.

RODRIGUES, Adyr Balastri (Org.). **Turismo e desenvolvimento local**. 2ª ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

SANCHIS, Pierre. Peregrinação e romaria: um lugar para o turismo religioso. In: **Ciências Sociais e Religião**, Porto Alegre, ano 8, n. 8, p. 85-97, outubro de 2006.

STEIL, Carlos Alberto. Romeiros e turistas no Santuário de Bom Jesus da Lapa. In: SANTOS, José Vicente Tavares dos; BARREIRA, César; BRAUMGARTEN, Maira (Orgs.). **Crise social e multiculturalismo: estudos de sociologia para o século XXI**. São Paulo: SBS/Hucitec, 2003.

_____. Peregrinação, romaria e turismo religioso: raízes etimológicas e interpretações antropológicas. In: ABUMANSUR, Edin Sued (Org). **Turismo religioso: ensaios antropológicos sobre religião e turismo**. Campinas (SP): Papyrus, 2003. P. 29-51.

_____. Turismo como objeto de estudo no campo das ciências sociais. In RIEDL, Mario, ALMEIDA, Joaquim Anécio e VIANA, Andyara Lima. **Turismo rural: tendências e sustentabilidade**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2002.

_____. **O sertão das romarias**. Petrópolis (RJ): Vozes, 1996.

TURNER, Victor; TURNER, Edith. **Image and pilgrimage in Christian culture**. Nova York: Columbia University Press, 1978.

YÁZIGI, Eduardo. Subsídios sobre o papel da fantasia no planejamento do turismo. In: LAGE, Beatriz H. Gelas; MILONE, Paulo César (Orgs.). **Turismo teoria e prática**. São Paulo: Atlas, 2000.